



Mesmo com a poluição da Vale, um bairro bastante tranquilo

Alto Lage, um bairro sem espírito de comunidade

“Alto Lage informa: saem os ferroviários e entra a poluição da Vale do Rio Doce, e ninguém reclama”.

A frase bem-humorada do industrial Pedro Alves Trindade, que nasceu e se criou no bairro, define o que talvez seja o maior problema de Alto Lage: a ausência, por parte dos moradores, do chamado espírito comunitário, o que pode ser explicado, pelo menos parcialmente, pela frase do industrial, parodiando os locutores oficiais dos campos de futebol.

É que, em sua origem, Alto Lage — como Itaquiri, Jardim América, São Torquato, entre outros bairros — foi habitado pelos ferroviários da atual Vale do Rio Doce. Atualmente, os ferroviários que ainda moram lá são aposentados em sua maioria, pois os mais novos estão preferindo, para morar, os novos empreendimentos em Vila Velha — Itapuã, principalmente. Enquanto isso, hoje a presença dos ferroviários mais sentida pelos moradores de Alto Lage são os resíduos de minério de ferro originário da Estação de Pedro Nolasco que o ar leva a praticamente todos os cantos do bairro, mesmo nas partes mais altas — como a subestação da Escelsa.



quadra de esportes — está em estado deplorável e o telefone é limitado: só até 23 horas, quando fecha o bar onde foi instalado (antes, o aparelho ficava na rua, mas foi colocado no bar depois de várias depredações). De dois problemas, o bairro não pode mais se queixar: da luz (por causa da subestação da Escelsa que opera no bairro) e do policiamento, pois já está sendo montado o módulo que será instalado na praça Aldo Alves Prudêncio, a principal.

ORIGEM DO NOME

“Apesar disso tudo, ainda vale a pena morar em Alto Lage” — afirma a professora Maria Célia de Moraes Nascimento, nascida e criada no bairro e filha de um vereador (“numa época em que vereador não ganha um tostão”) José Vieira de Moraes, responsável pela colocação, em 1954, da água, da luz e dos

“O pessoal anda muito desanimado” — queixa-se o presidente do Centro Comunitário, o comerciante Paulo Pasti, que cita como razões do seu desânimo as assembléias-gerais com poucas presenças e as duas festas realizadas para angariar fundos e que tiveram pouco sucesso financeiro.

Em parte, o comerciante — dono de um minimercado — atribui essa “paralisação do espírito comunitário” ao fato de o Centro Comunitário ter cedido sua sede, em 1975, para a escola de primeiro grau, cujas dependências haviam sido destruídas pela chuva.

“Agora que o colégio saiu, em dezembro, do Centro Comunitário, vamos ver se as pessoas se animam e resolvem se unir.

De qualquer forma, problemas a serem resolvidos o bairro tem de sobra. Além da poluição do ar e há um outro que o presidente do Centro Comunitário considera o mais grave: a ausência de acesso direto a Alto Lage. “Para ir a Campo Grande, é preciso ir até São Torquato ou até o Colégio Gil Veloso” — diz Paulo Pasti, que vê, assim, o bairro bastante isolado.

Os problemas graves, porém, não se resumem nesses dois. Há por exemplo, a quase permanente falta d’água, aliás, comum nos bairros adjacentes. Alto Lage, também não conta com um posto médico ou odontológico, tem uma rede de esgoto precária, não há creches para as mães que queiram ou precisam trabalhar fora, a única área que se poderia chamar de lazer — uma

Joaquim Nunes



Pasti: Falta espírito comunitário

em 1954, da água, da luz e dos primeiros ônibus entre o bairro e Vitória. José Vieira de Moraes, por sinal, é o nome da rua onde a professora mora.

“Alto Lage foi um bairro acontecido” — diz Maria Célia, ao contar que, a partir de 1934, quando havia poucas casas no lugar, um proprietário de grandes extensões de terras — o português Antônio Esteves — começou a vender aos poucos, lotes avulsos.

O comércio, até então, inexistente, começou a aparecer. Alguns botequins, e as vendas de Loadir Sodré e Angélica Rizzo são as que ainda vêm, hoje, à memória dos moradores.

O nome do bairro é que não tem nenhuma explicação histórica, e sim geológica. Alto Lage esta situado sobre uma lage natural, que começa no asfalto. “Quando o DNER reformou a rodovia lá embaixo” — conta o funcionário público aposentado e comerciante Fernando Nordim do Nascimento, marido da professora Maria Célia”, muitas casas aqui no bairro racharam. De madrugada, quando passa um carro no asfalto, dá para sentir a vibração na janela aqui de casa.

Para os jovens, ainda há um problema extra: o bairro praticamente não tem distração. A vida noturna, quando muito, se resume a um bar ou outro que, logo depois, acaba fechando. “De vez em quando” — diz a estudante Juciléia Pasti — “fazem um baile no Centro Comunitário, no colégio, ou então em casas particulares. E é só. “Quem quiser se divertir, tem que procurar outros lugares, não ficar em Alto Lage”.

Joaquim Nunes



Célia: apesar dos pesares, é bom